

**DULCE HELFER**

**POESIA**



**LIQUIDA**



**ÁGUAS DO RIO GRANDE DO SUL**

**DULCE HELFER**

**POESIA**  
**LIQUIDA**  
ÁGUAS DO RIO GRANDE DO SUL

**Dulce Helfer**  
Fotografia

**Zorávia Bettiol**  
Curadoria



PRODUÇÃO

APOIO



PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA CULTURA



Proto Alegre  
2018



**O homem e a água**

Deixe-me ser o que SOU  
o que sempre fui,  
um rio que vai fluindo.

E o meu destino é seguir... seguir para o mar.

O mar onde tudo recomeça...  
Onde tudo se refaz...

*Mario Quintana*

## EXPEDIENTE

### **Dulce Helfer**

Fotografias

### **Zorávia Bettiol**

Curadoria

Projeto Expográfico

### **Eduardo Cardoso**

Projetos com Acessibilidade

### **Skené Projetos Culturais**

Produção Cultural

### **Luiz Lau**

Concepção e Execução de Projeto

Multimídia e *Tour* Virtual Imersiva

Coord. App Realidade Aumentada.

### **Cristiane Löff**

Designer Gráfica

### **Zorávia Bettiol**

**Tabajara Ruas**

**Leonardo Melgarejo**

**Francisco Milanez**

Textos

### **Carla Severo Trindade**

Revisão de Texto

### **Marcio Machado**

Tratamento Imagem

### **Leonardo Caldas Vargas**

Assessoria de Imprensa

### **Andréia Soares**

**Alexandro Larocca**

Aplicativo de Realidade

Aumentada e VR

## AGRADECIMENTOS

**Com Acesso Comunicação Acessível**

**UFRGS**

**César Antônio Cechinato**

**Christian Jones Comunello**

**Defesa Civil de Santa Cruz do Sul**

**Defesa Civil de Porto Alegre**

**Eduardo Cardoso**

**Gilberto Perin**

**Gráfica ANS**

**Lígia Walper**

**Museu de Arte do Rio Grande do Sul**

**Universidade de Santa Cruz do Sul**



## Sumário

### APRESENTAÇÃO **Poesia líquida**

#### **Águas do Rio Grande do Sul**

Dulce Helfer

08

### **Inovações e acessibilidades**

09

### **A água no foco da artista**

Zoravia Bettiol

12

### **A água e a vida**

Francisco Milanez

29

### **Poesia em estado líquido**

Leonardo Melgarejo

43

### **Duas crônicas escolhidas**

Tabajara Ruas

63

### **Sobre a fotógrafa**

78

### **Sobre a curadora**

79

### **Os colaboradores**

80

## APRESENTAÇÃO

# Poesia Líquida Águas do Rio Grande do Sul

**Dulce Helfer**

Tão belas, tão luminosas, tão necessárias, as águas, com seu mistério, sempre me fascinaram. Fotografando mundo afora, percebi como a água é uma só e como torna o planeta um lugar pequeno. Apreendi tanto a beleza quanto o desperdício desse bem maior para nossa sobrevivência. E quis lembrar ao meu Estado, o Rio Grande do Sul, que ainda há tempo de conservar o que o homem está destruindo. Onde não há água, não há vida. O plasma do nosso sangue contém 95% de água que corre em nossas veias como um rio. A humanidade parece não se dar conta, mas não é o ouro a nossa maior riqueza, e sim a água, da qual a terra necessita para gerar o alimento que garantirá o futuro às próximas gerações. Torna-se urgente destacar que temos que parar agora de jogar lixo nas ruas e de aplicar pesticidas sobre as lavouras, envenenando as águas. Temos que parar com a torneira aberta ao escovar os dentes, com as extrações de areia nas barrancas dos rios, com o plástico não separado dentro de casa para a coleta seletiva, com os desvios de riachos para as lavouras, com o descaso na conservação das florestas e árvores.

Somos privilegiados. O Brasil pode ser considerado a maior cisterna de água doce do planeta. Sob o Estado do Rio Grande do Sul, correm 12% das águas do Aquífero Guarani, abaixo da Bacia do Rio Uruguai, atingindo 230 municípios. Na capital gaúcha – Porto Alegre –, a população é abastecida diariamente com 150 mil litros de água tratada. 13,9 % do consumo de água no Estado vem do volume extraído do aquífero. No Rio Grande do Sul, temos 85,33% de domicílios ligados à rede geral de abastecimento de água, sendo que a capital atinge 99,35% de atendimento em fontes de água superficiais. 97% das águas doces estão armazenadas em fontes subterrâneas, que podem ser contaminadas pelos defensivos agrícolas absorvidos pela terra.

Coloco esses dados porque me parece que o ser humano não compreende que a água é um bem comum, que precisa ser administrado de forma responsável. E isso exige que se coloque um processo contínuo de educação para a sobrevivência de todas as espécies. Que as imagens que estão nesta POESIA LÍQUIDA ajudem a lembrar que a natureza é generosa, dando-nos alimento e beleza, mas que a humanidade precisa acordar do torpor em que se encontra para conservar o bem finito que escorre em suas, em nossas mãos.



## Inovações e acessibilidades

A exposição conta com recursos de acessibilidade, como áudio-descrição vinculada a 8 obras e painéis, para que deficientes visuais possam ser incluídos no contexto da mostra. Além disso, neste conjunto de obras está sendo explorado o recurso de Realidade Aumentada, para que o público possa interagir com algumas obras, tanto na exposição como neste livro.

Como forma de perpetuar a POESIA LÍQUIDA, será produzido no Margs uma Tour em Realidade Virtual, para que possa ser visitada à distância, contribuindo assim para o caráter da democratização e acessibilidade por um público mais amplo e por um tempo maior. O poder da virtualização está na perpetuação da experiência do evento para além do espaço físico e período da exposição no museu.

### Instruções para interagir com as fotos com Realidade Aumentada

1• Instale em seu celular ou tablet o App de Realidade Aumentada da exposição Poesia Líquida. Disponível para:

IOS = App Store

Android = Google Play

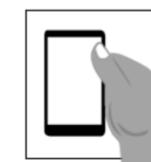
Na busca de ambas lojas digite: Dulce Helfer.

2• Identifique as obras que possuem intervenção em Realidade Aumentada, através do símbolo, à direita, fixado ao lado da obra.

3• Posicione-se em frente a obra.

4• Abra o Aplicativo.

5• Mantenha a câmera do seu celular ou tablet, apontada para a obra e aguarde rodar a interação em Realidade Virtual. Se preferir pode utilizar fones de ouvido.



Mais informações em [www.poesialiquida.com.br](http://www.poesialiquida.com.br)



## A água no foco da artista

**Zoravia Bettiol**

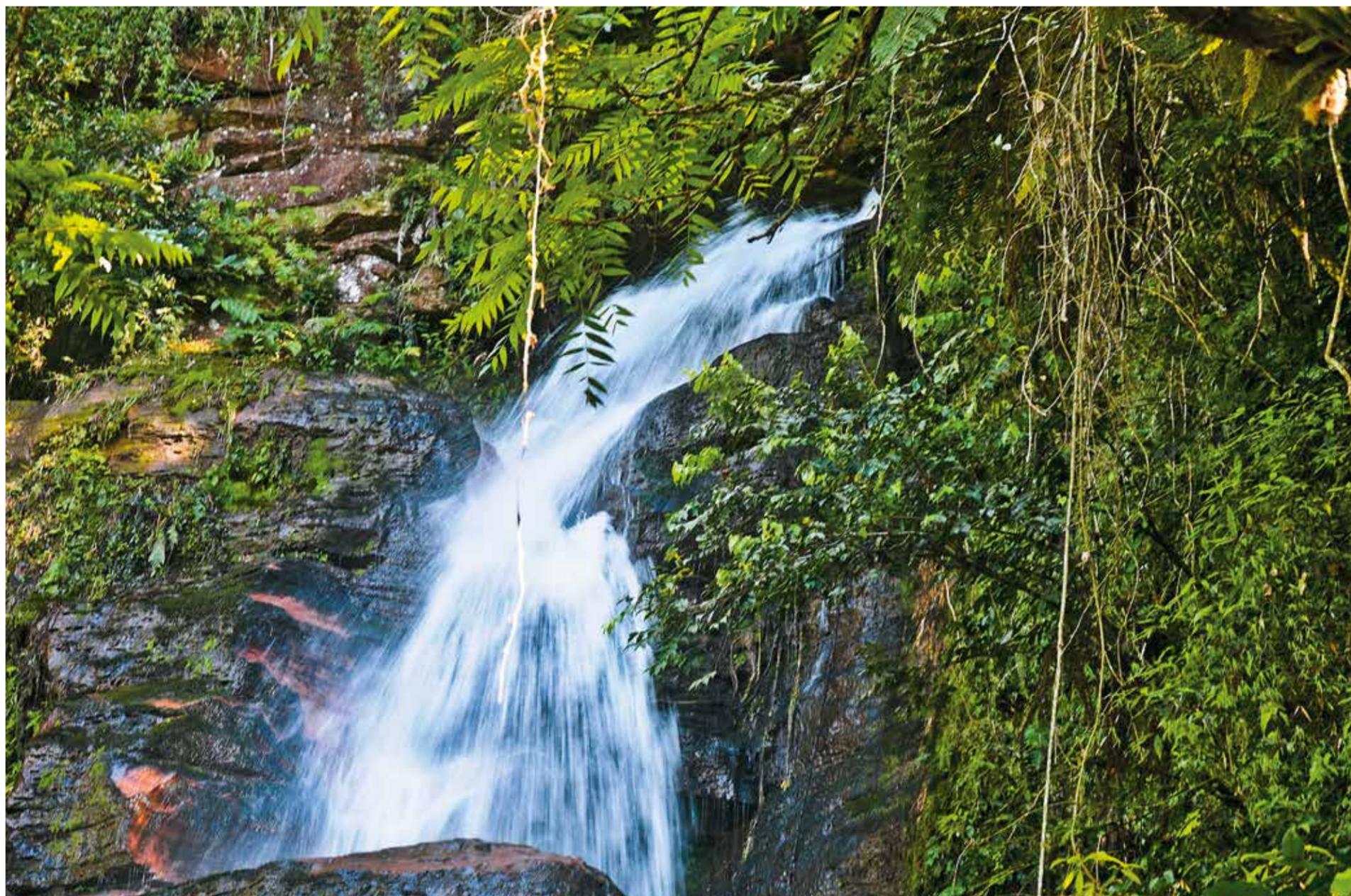
Curadora

A preocupação com os graves problemas relacionados à água colaborou para que a artista Dulce Helfer decidisse fazer um recorte em sua vasta obra fotográfica e escolhesse esse tema para celebrar, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), seus 35 anos dedicados à fotografia.

Torna-se oportuno registrar que a Semana da Água do Estado do Rio Grande do Sul completou 25 anos em 2018, mobilizando, a cada edição, cerca de 2 milhões de pessoas. Porto Alegre abrigou, também, em novembro, o VIII Fórum Internacional de Gestão Ambiental, promovido pela Associação Riograndense de Imprensa (ARI).

A água é um tema recorrente na carreira de Dulce, não somente em seu trabalho jornalístico para o jornal Zero Hora, mas também em sua produção pessoal, cujo olhar é mais livre e poético. A mostra atual engloba a seleção de aproximadamente 80 fotos produzidas nos últimos 10 anos em nosso Estado, nas regiões do Taim, Cambará do Sul, Aparados da Serra, Santa Cruz do Sul, Vera Cruz, São Francisco de Paula, Porto Alegre, Gravataí, Rio Pardo e Atlântida.

A artista nos mostra os contrastes entre paisagens serenas, com vegetação exuberante e águas tranquilas, e a força indomável da água na forma de cachoeiras, em penhascos cercados por árvores centenárias. Em algumas fotografias, pássaros e garças convivem naturalmente com barcos e lanchas, em contraponto a outras cenas, em que crianças brincam com engradados nas águas sujas do cais ou nas águas poluídas do chafariz do Parque Farroupilha ou, ainda, no lixo de áreas sem saneamento. Dulce surpreende o elegante jovem negro, sem camisa, sentado de costas na imensidão do areal de águas cristalinas, e surpreende a nós com a beleza de todo o cenário. Já entre as cenas campestres, há uma imagem em que o gado se espalha no verde pampiano, sob o olhar de gaúchos a cavalo, nas proximidades de uma lagoa, em Cambará do Sul, que nos transmite uma intensa sensação de tranquilidade. Há imagens com veados pequenos e outros com fortes galhadas, no zoológico do Pampa Safari,



em Gravataí, que parecem ter surgido da Europa, e que nos encantam e emocionam. Em oposição, há fotos de forte impacto dramático, como a do cavalo e a da vaca mortos, que fazem um alerta em relação à importância vital da água.

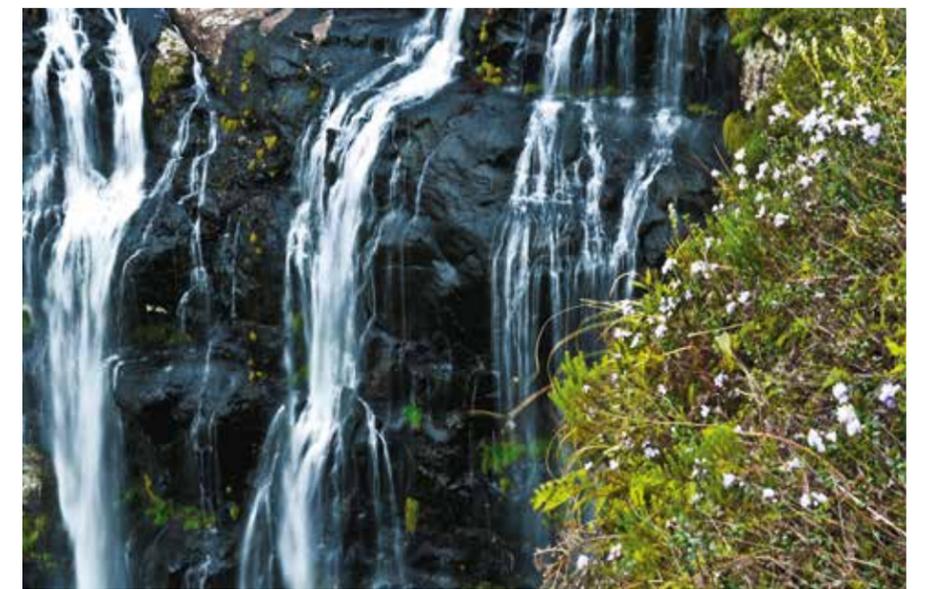
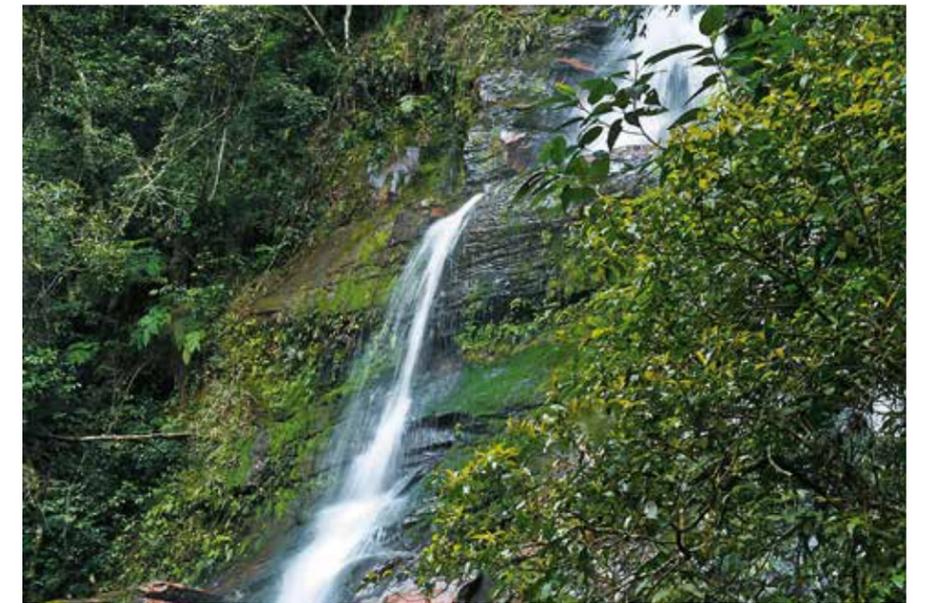
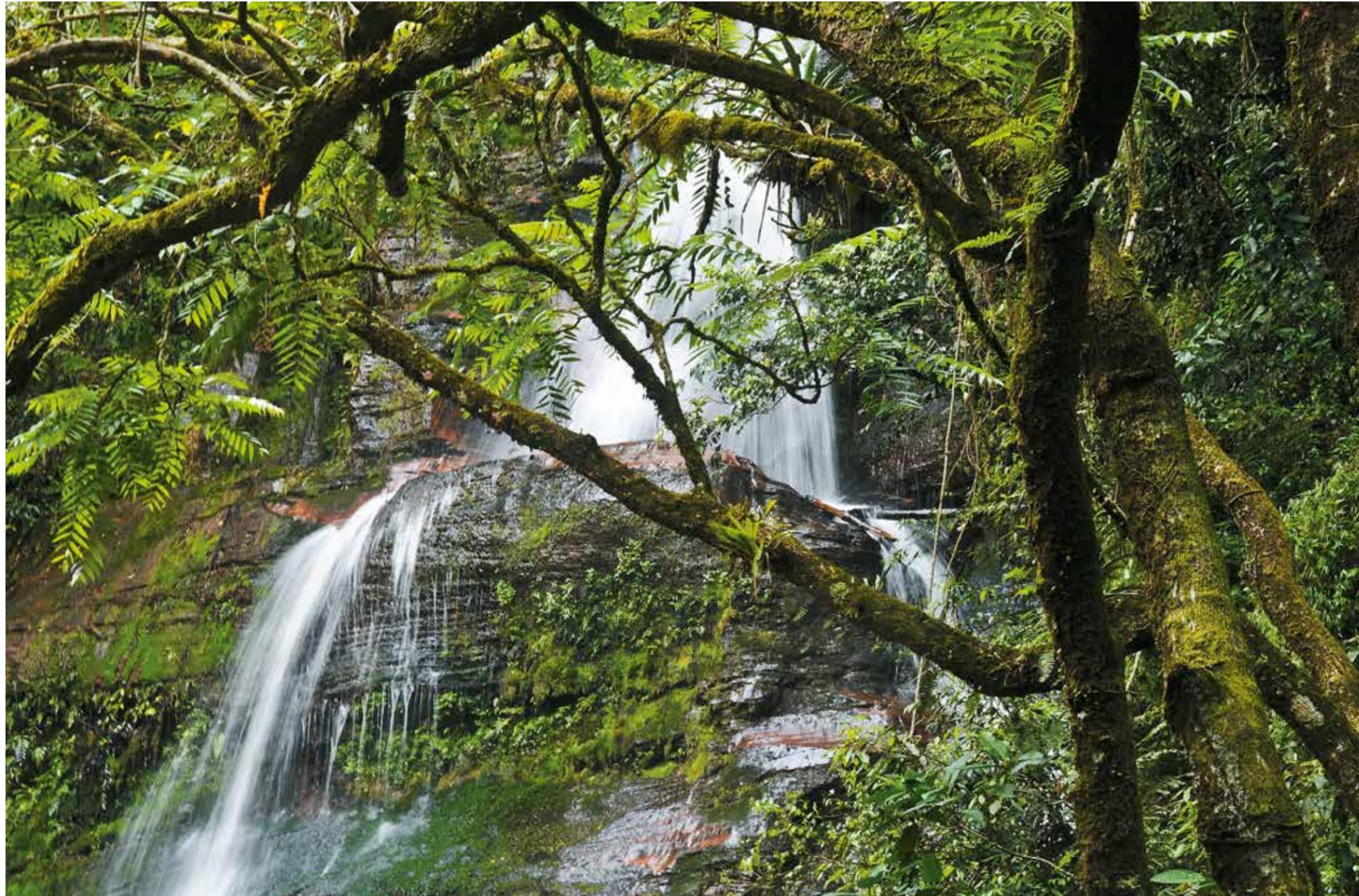
Há equilíbrio e precisão nas composições plásticas da fotógrafa, conquistados por seu talento e um trabalho constante. Além disso, algumas composições com detalhes da natureza produzem belas texturas, como os reflexos do sol em pedras submersas, a verticalidade gráfica dos juncos ou a espuma causada pela poluição na água do esgoto.

Neste livro da mostra, há textos dos profissionais Leonardo Melgarejo – engenheiro agrônomo que atualmente ocupa posição de vice-presidente da Associação Brasileira de Agroecologia para a Região Sul do Brasil – e Francisco Milanez – biólogo, arquiteto, especialista em análise de impactos ambientais e atual presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) –, que refletem, com profundidade e competência, sobre a situação dos recursos hídricos e a vida do homem em nosso planeta. Ao longo da mostra, serão colocadas algumas pequenas partes dos referidos textos.

A exposição conta com recursos de acessibilidade, como Audiodescrição, vinculados a 8 obras e painéis, para que deficientes visuais sintam-se incluídos no contexto da Mostra. Além disso, neste conjunto de obras está sendo explorado o dispositivo da Realidade Aumentada, para que o público possa interagir com elas e experimentar diferentes sensações, como surpresa, alegria, tristeza ou bem-estar, proporcionadas por esse tipo de intervenção.

A exposição é um convite ao espectador para refletir sobre a natureza e sobre como temos obrigação de respeitá-la e preservá-la, para que possamos viver melhor no planeta Gaia.

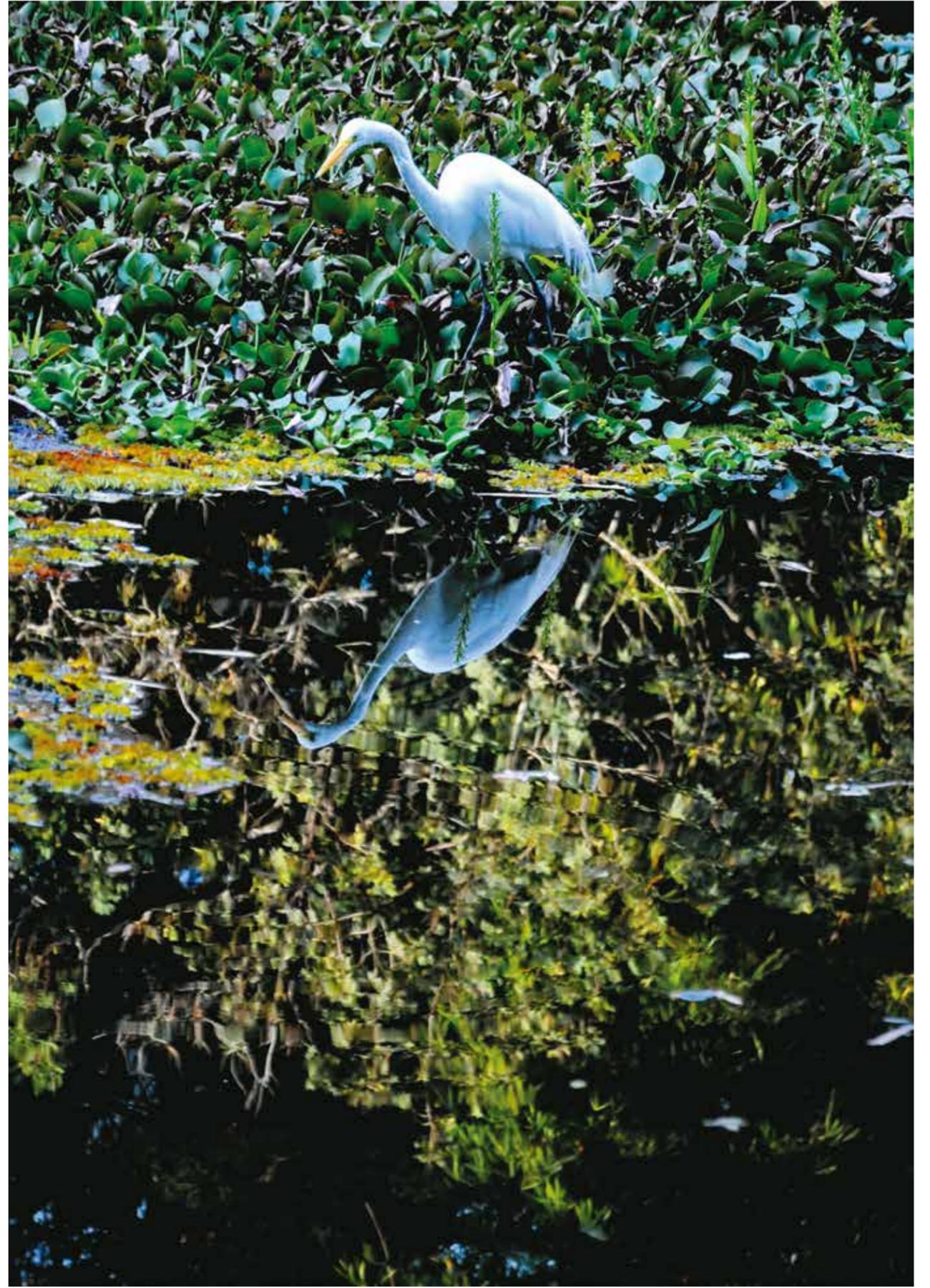




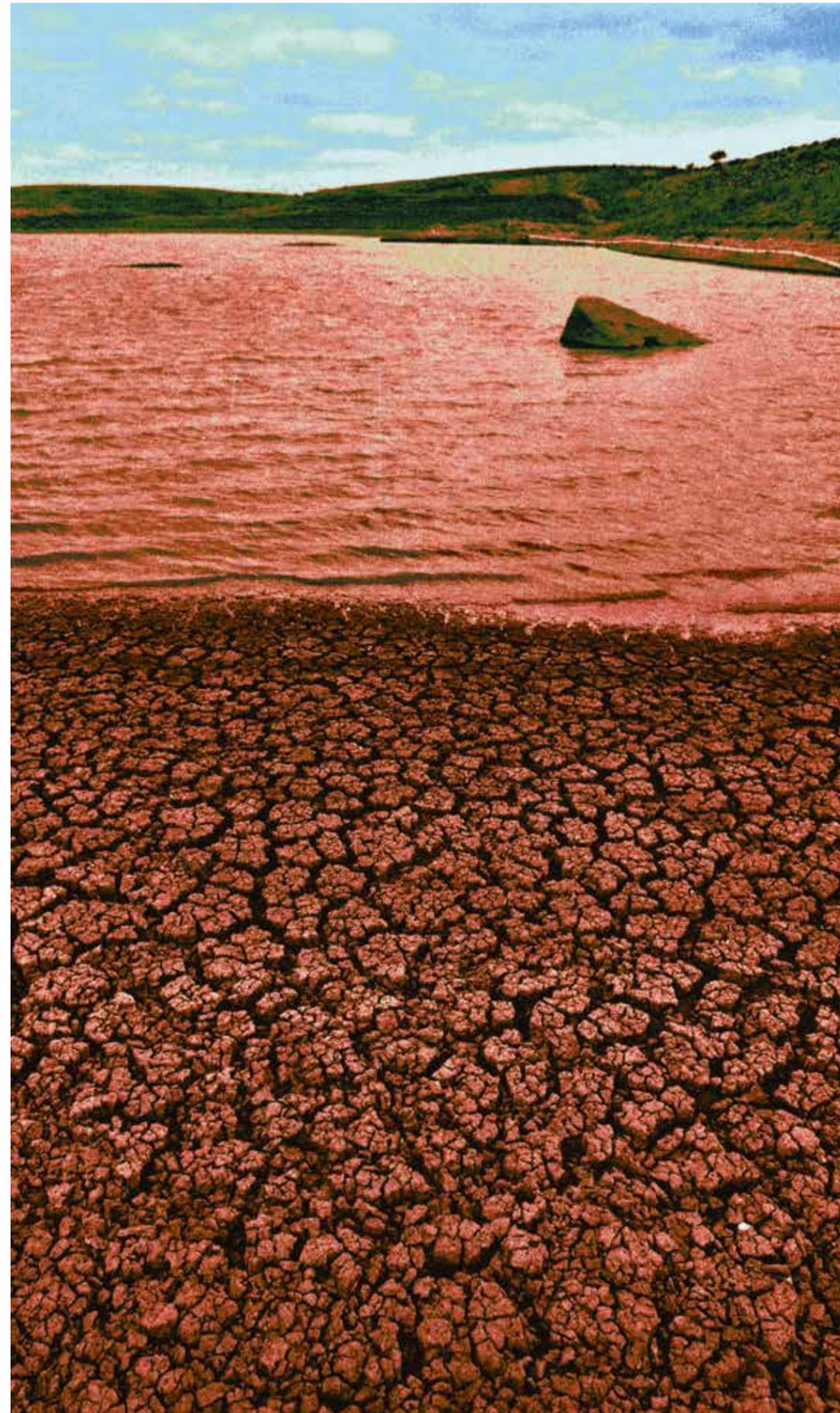


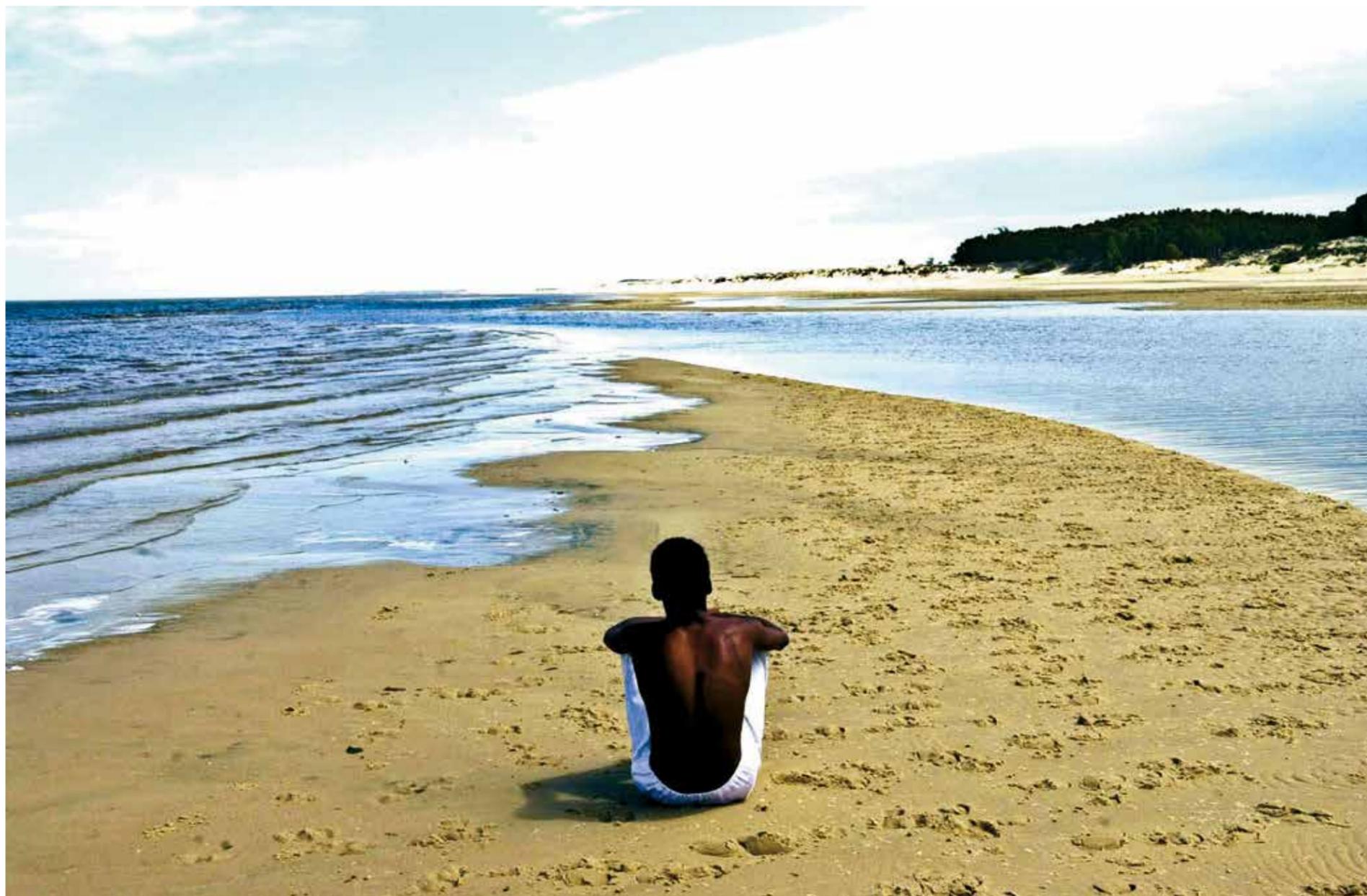












## A água e a vida

Francisco Milanez

A água foi o berço da vida, o local onde ela se desenvolveu, há mais de três bilhões de anos. Mesmo quando os seres saíram da imersão absoluta, a água continuou presente, interna às estruturas vivas simples e também externamente às células nas estruturas mais complexas, como integrante dos líquidos circulatórios e, no ambiente, como água mais rarefeita, a umidade do ar.

Sendo a substância que compõe mais de 70% do corpo humano, está em nossos alimentos e em nossas excreções. Ela é o meio que traz os elementos necessários à vida e é também quem leva embora os resíduos de nossos processos fisiológicos, realizando uma atividade de desintoxicação através do suor e da urina.

A água é o grande componente da vida no planeta, aquele que predomina em todos os seres vivos. Além de ser o mais abundante, percentualmente, suas características especiais fazem com que seja também o mais importante. Sua aparente neutralidade é o que permite que tudo ocorra perfeitamente nos processos vitais.

Além de predominar em nosso organismo, também é o constituinte principal de nossos alimentos, que, uma vez ingeridos, são digeridos, absorvidos e distribuídos pelo corpo através do tecido sanguíneo, sempre em meio aquoso.

Não apenas nossas células são formadas majoritariamente de água, mas também as das bactérias, que formam outra grande parte do que chamamos de corpo humano. Toda essa água circula osmoticamente através das membranas semipermeáveis do corpo, equilibrando suas concentrações nos diferentes meios e ambientando os processos fisiológicos.

Por suas características químicas e físicas, a água é capaz de transportar não só substâncias como também outros tipos de informações sobre compostos, mesmo na ausência deles, como demonstrou Hahnemann na ciência da Homeopatia. Ela talvez possa “memorizar” emoções, como sugerem os cristais de água pesquisados por Radin e Emoto. Temos ainda muito a descobrir acerca das possibilidades desta molécula estrutural dos seres vivos.

Todos os processos fisiológicos dos seres precisam acontecer dentro de limites de temperatura que compõem a resiliência térmica de cada espécie. O desrespeito a esses limites ocasiona a morte. Por ser a substância que consegue armazenar mais calor, a água é também o principal controlador da temperatura, tanto do planeta como dos seres vivos. Para realizar esse controle, ela absorve a energia solar durante o dia, não deixando que a temperatura fique muito quente, e devolve o calor para o ar à noite, não deixando que a temperatura esfrie muito. Nos desertos, devido à pouca água, as variações térmicas entre o dia e a noite são gigantes, enquanto nos litorais, situados ao lado de massas líquidas, as temperaturas sofrem as menores variações.

O clima também é regulado por seus movimentos de transporte térmico, tanto das correntes marítimas, como das massas de ar atmosféricas. Por meio dessas dinâmicas ela transfere enorme quantidade de calor do Equador quente para os frios polos, harmonizando a temperatura da Terra. Já na sua forma de vapor, leva pelo ar a umidade necessária para a existência de vida onde não chove.

Sua dilatação anômala de 0 a 4°C faz com que o gelo seja mais leve que a água líquida e nela flutue, oportunizando, por ser isolante, a proteção dos corpos hídricos através da casca que forma, impedindo o congelamento da água abaixo dela, o que preserva a vida submarina nos lugares frios do planeta.

A tensão superficial da água – outra de suas características – viabiliza a forma das gotas d'água, que constituem a interface de muitos processos fisiológicos e sobre as quais inúmeros seres vivos se locomovem.

Se em sua umidade nascemos e nos desenvolvemos, imersos no líquido amniótico, na barriga da mãe, é para ela também que vamos após a morte, quando nos decomposmos: como todas as moléculas que circulam na biosfera, nela acabamos por descansar. E assim fazem todos os seres vivos: nascem, vivem e retornam ao meio aquoso. Mesmo nos desertos existe umidade; caso contrário, aí não haveria vida.

Nos ecossistemas naturais a água é trabalhada de tal forma que é utilizada e purificada por todos ao mesmo tempo, voltando sempre ao estado inicial, com sua qualidade sempre mantida. A vida é capaz de reciclar a água indefinidamente, mantendo eternamente sua pureza através da recuperação constante que o conjunto dos organismos vivos faz. O ciclo da água na natureza é um ciclo perfeito. Esse ciclo não só permite a manutenção de sua qualidade como produz os rios, a chuva e o gelo, além de levar e conservar a vida pelos mais variados recantos da biosfera. Assim tem sido por bilhões de anos.



A água está atavicamente ligada a tudo o que somos e sentimos. Sua coloração, que vai do translúcido ao preto – conforme a incidência da luz –, remete à leveza da poesia ou ao peso do terror. Ela é nossa fonte de vida e de morte, rememoração do aconchego uterino e medo dos monstros das profundezas escuras. Seu azul da saciedade tranquiliza; a ausência amarela da sede desespera. É fonte do prazer litorâneo e do sofrimento desértico, transitando do aconchego do mar à solidão estival.

Por nossa incompetência na gestão do planeta, criamos substâncias artificiais e também mineramos outras, naturais, colocando-as em lugares incorretos e transformando isso tudo na poluição que, impreterivelmente, marcha em direção à água e nela se acumula.

Nossos resíduos sólidos podem levar anos para se decompor, mas o fruto de sua decomposição migra para a água subterrânea ou para a superficial, e assim acaba nos oceanos.

Nossa poluição aérea se combina com a umidade do ar e termina sendo precipitada pela chuva e drenada, junto aos efluentes líquidos, para os corpos d'água e para o mar.

Qualquer mínima contaminação que exista na água será fonte de problemas nos organismos vivos, pois contaminar é botar algo que não deveria estar ali. Portanto, os usuários serão prejudicados por essa presença. Algumas dessas substâncias causam problemas momentâneos, mas outras produzem efeitos cumulativos, o que as torna ainda mais perigosas, já que, além de poderem provocar intoxicações agudas, podem ocasionar intoxicações crônicas devidas à acumulação no organismo.

Beber uma água limpa é, por isso, uma das mais importantes necessidades para se manter a saúde.

Deve também ser limpa a água que irriga os alimentos, pois eles são capazes de acumular toxinas que acabarão em nossas refeições e, assim, em nosso corpo, provocando as mais variadas doenças.

A água que nos deu a existência, que mantém e protege nossa saúde, pode ser transformada no carrasco, fonte de doença e sofrimento, que fará justiça à nossa irresponsabilidade para com o planeta e a vida.

Talvez não possamos fazer nada mais importante que cuidar da água e, assim, da vida como um todo. Seria uma atitude de seres realmente inteligentes, se existissem.

Podemos concluir que a água que circula no planeta é o sangue que nutre a Terra, que limpa e sustenta, e cuja qualidade espelha a saúde da própria rede da vida.













## Poesia em estado líquido

Leonardo Melgarejo

Um livro de fotografias que tem a água como temática principal poderia ser abordado sob diversas perspectivas. Poderíamos dar destaque a aspectos objetivos, contemplando seu papel no suprimento das necessidades mais básicas de cada ser vivo. Ou à sua centralidade em disputas geopolíticas que reduzem esse bem precioso e finito ao nível da mercadoria comum. Poderíamos – talvez – alimentar teorias conspiratórias, fantasiosas ou não. Haveria, ainda, outros aspectos, subjetivos e transcendentais, a ser explorados. E aí toda beleza, harmonia, religiosidade e demais encantos inerentes a esse elemento da natureza surgiriam em estado bruto, na solidez das geleiras ou circulando em forma de vapor, em sua forma líquida ou na composição dos organismos vivos. São muitas as possibilidades, considerando desde sua configuração molecular até a conformação de vastas lagoas costeiras, mares e oceanos. E haveria também a perspectiva do complexo ciclo das águas, de suas transformações e inter-relações físicas e biológicas e de sua importância para a biodiversidade e o equilíbrio de todo o ecossistema planetário.

No entanto, a força e a beleza das fotos de Dulce Helfer reclamam esforço cuidadoso, que provoque reflexão sobre a responsabilidade de todos na preservação da água como o mais importante bem comum da humanidade, uma preciosidade, aliás, negligenciada a ponto de envergonhar o contrato social que rege democracias incapazes de conter a irresponsabilidade quanto ao uso de seus recursos hídricos. E a situação acaba por tornar-se causa estrutural de escassez, desestabilizando o ecossistema terrestre. Inúmeros cientistas apontam para o problema, em especial Will Steffen, cujo conceito de fronteiras planetárias alerta para o fato de que essa instabilidade já nos coloca como espécie em risco de extinção.

Defender a água é defender as árvores, que reduzem a pressão atmosférica e atraem a umidade que paira sobre a superfície de grandes lagos e oceanos, formando nuvens que se deslocam como rios aéreos para regiões alimentadas pelas chuvas. Só a Floresta Amazônica, ao impulsionar correntes úmidas para o sul, derrama cerca de 20 trilhões de litros por dia sobre as principais áreas agrícolas da América do Sul, garantindo a pujança das lavouras que se estendem de Cuiabá, no Mato Grosso, a Buenos Aires, na Argentina – 70% do PIB de toda a América Latina encontra-se nessa área. Um tal sistema

complexo, capaz de compensar as perdas da Mata Atlântica em vias de extinção, lamentavelmente sofrerá ruptura quando a Amazônia tiver 40% de sua área original devastada. Sem a umidade atraída do oceano pelas árvores, o processo de desertificação iniciado atingirá não só a região que abriga a mais importante floresta do mundo, mas também o Sul e o Sudeste brasileiros.

Possivelmente, teremos então aqui o cenário já observado em outras regiões, de mesma latitude, que hoje abrigam os desertos do Atacama, no Chile, do Kalahari e da Namíbia, na África, e da Austrália. É por esse motivo que Antônio Donato Nobre, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), afirma que, se os grandes agricultores tivessem consciência dessas inter-relações, estariam todos nas ruas, com cartazes, exigindo a proteção das florestas. E já teriam – eles mesmos – replantado pedaços da floresta em suas propriedades. É importante também ressaltar que as imensas áreas reflorestadas com eucalipto ou pinus, que avançam sobre a Amazônia, o Cerrado e os Pampas gaúchos, não prestam os serviços da biodiversidade: a monocultura só representa uma imposição que caminha em sentido contrário às demandas da natureza. Além disso, essas árvores são mantidas no solo apenas durante o período em que são mais vorazes na extração de água. Cortadas precocemente, reduzem a disponibilidade de água nas bacias hidrográficas, alterando relações simbióticas e modificando o regime de chuvas.

O impacto do reflorestamento sobre os Pampas e o avanço das lavouras, sobretudo transgênicas, com larga utilização de agrotóxicos, constituem verdadeira catástrofe ambiental. Estudos recentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul mostram que um quarto das 109 espécies de aves que se servem dessa cobertura está ameaçado de extinção. Com menos predadores naturais, crescem as populações de lagartas que se alimentam das lavouras de milho e soja, de cascudos nas lavouras de arroz e da mosca das frutas em todos os pomares. E não há inseticida que resolva. “Mais pássaros, melhores colheitas” – dizia o ambientalista gaúcho Henrique Luiz Roessler (1896-1963). Isso tudo sem contar o impacto ecocida sobre populações de sapos e outros anfíbios, insetos, mamíferos, peixes e répteis fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas. O mesmo ocorre no mundo quase invisível em que pequenos insetos, fungos e bactérias dividem papéis insubstituíveis na decomposição da matéria orgânica, na disponibilização de nutrientes minerais para as plantas e no ritmo perene do grande ciclo das águas.

Os campos nativos não apenas contribuem para a umidade e a vida do solo, mas também reúnem, por metro quadrado, até mais de 50 espécies vegetais diferentes, que oferecem variedade de nutrientes aos rebanhos. Substituí-los por *brachiária* ou *paspalum*, em nome de maior oferta de pastagem, é reduzir a diversidade e estimular pragas e doenças, trazendo prejuízos ambientais e econômicos. Ou seja, todo um patrimônio fitogenético excepcional, presenteado pela natureza, é desperdiçado pela voracidade do lucro, o que, entre outras coisas, potencializa riscos climáticos. Proteger a água exige ainda a proteção da cobertura nativa e das matas ciliares, que ocorrem em todas as microbacias hidrográficas e que são responsáveis pela saúde das fontes, dos banhados, dos rios e riachos.





Para preservar o ciclo das águas é preciso cuidar do solo. Como nos ensina a agrônoma Ana Maria Primavesi, a vida do solo determina a qualidade material e espiritual de tudo o que ocorre sobre ele. Toda a vida em nosso globo depende da ação de insetos, fungos e bactérias comprometidos com o ciclo da matéria orgânica. Eles são imprescindíveis para a nutrição das plantas, para a retenção da água no solo e seu lento escoamento para alimentação dos rios, lagos, reservas subterrâneas e oceanos. Esse mecanismo é prejudicado pelo uso de herbicidas, que, além de matar plantas, reduzem o teor de matéria orgânica no solo, determinando a formação de crostas impermeáveis e ácidas que aceleram a velocidade de escoamento, destruindo a camada fértil. O arado é igualmente nocivo: desagrega, oxida a matéria orgânica, impede a retenção da umidade, causa erosão, dificulta a infiltração das chuvas, a manutenção das fontes, o reabastecimento dos aquíferos, mata as nascentes e estende os desertos.

É importante refletir sobre esses aspectos, porque, ao contrário do que se coloca no imaginário popular, aquíferos como o Guarani não são vastos lagos subterrâneos. São camadas de rochas porosas, que acumulam água para alimentar os rios e que dependem de recarga. Dessa forma, os agrotóxicos que banham monocultivos de soja, algodão, cana e eucalipto, contaminando o solo, rios e lençóis freáticos, comprometem definitivamente a qualidade dessa verdadeira poupança de um dos principais bens comuns. O drama é real: a humanidade não dispõe de tecnologia que permita retirar os agrotóxicos que estamos acumulando no Aquífero Guarani.

Nunca é demais ressaltar que o ciclo hidrológico depende também da articulação entre ciência e sociedade, da defesa de leis e políticas ambientalmente sustentáveis. Para tanto, uma dinâmica de mobilização social deve ocorrer em cada rua e esquina, em todo o mundo, antes que seja tarde. Há que se valorizar, ainda, acordos internacionais, como a Convenção da Biodiversidade. Infelizmente, o Brasil negou-se a ratificar exigências aprovadas pela reunião da CBD em Nagoya, em 2010, deixando de se comprometer com

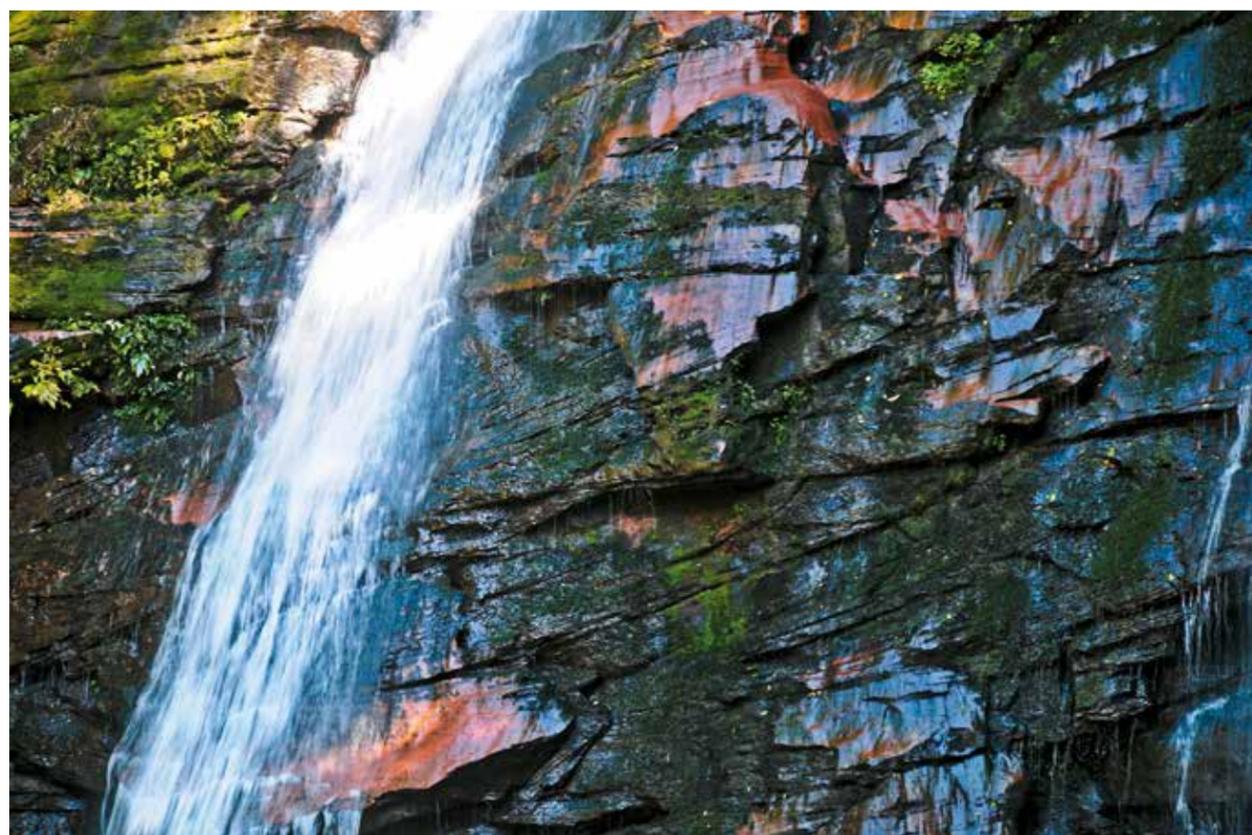
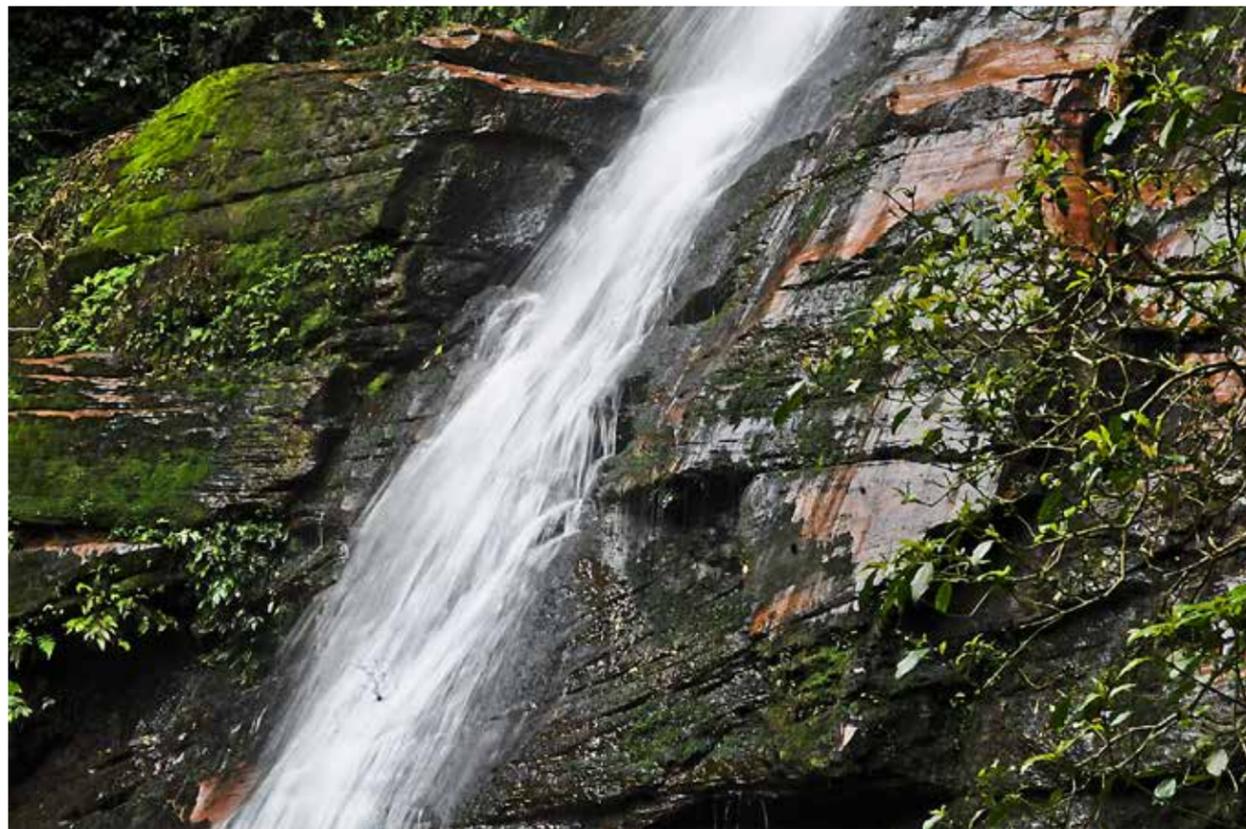


a conservação de 17% das áreas terrestres, o que somaria esforços contra o aquecimento global. Nunca é demais dizer que o fenômeno climático se expressa na água e que ele diminui a produtividade de diversas lavouras. Temos aí que, para atender demandas crescentes por alimentos, é necessário operar uma mudança radical nos processos produtivos.

Essa questão está intimamente ligada ao atual modelo de produção, enaltecido pela mídia, empresariado e governos e praticado por grandes poluidores, que ignoram alertas quanto à necessidade de retorno à agricultura sem agroquímicos. É o mesmo modelo que consome cerca de 92% da quantidade de água que hoje temos disponível, em todo o planeta, para a produção de qualquer bem ou consumo humano, que concentra terras, contamina as águas e já teria levado os recursos naturais ao esgotamento irreversível ainda em 2010, conforme o sociólogo belga François Houtart (1925-2017). A avaliação é coerente com alertas de especialistas durante participação na conferência da Organização das Nações Unidas sobre recursos fitogenéticos, em Leipzig (1995), na Alemanha. Segundo eles, pelo menos 75% da biodiversidade do planeta já havia desaparecido. Daí o clamor da ativista indiana Vandana Shiva em defesa de uma nova realidade, mais resiliente, a partir da diversidade de conhecimento, economia e política – a Democracia da Terra –, que ecoa as vozes de José Lutzenberger (1926-2002), Henrique Roessler (1896-1963) e Ana Primavesi (1920 -): há que substituir o modelo de desenvolvimento insustentável e equivocado que domina o planeta, porque é injusto com a maior parte dos seres vivos no presente e para a totalidade das espécies que aqui restarem no futuro.

A ganância pelo lucro de poucos às custas do sofrimento da maioria é causa da degradação da natureza, e se apoia na ideia equivocada de que seria possível estabelecer um novo mundo a partir de relações e sistemas artificiais. Esta não é uma geração especial, que vive um momento crucial da história da humanidade. Crucial é o estado crítico a que chegaram as bases que permitem a vida, em consequência de ações e omissões de todas as gerações. No momento que vivemos, uma força motora destrutiva, que se apoia em valores utilitaristas, está reduzindo a nada o que já houve de grandioso no sentido e no espírito humanos. Essa percepção sugere a necessidade de revolta, de luta em defesa da natureza e da vida. Mas isso ainda é pouco diante do valor da natureza em si. Mais justo seria dizer que ela deve ser protegida por conta da beleza que carrega.

Defender a água é defender a vida. Impõe-se um abandono do conceito de progresso baseado na busca de lucro, à revelia dos danos ecológicos e do esgotamento de recursos naturais. Como defendido pelo sociólogo belga François Houtart, a água é um bem comum de direi-

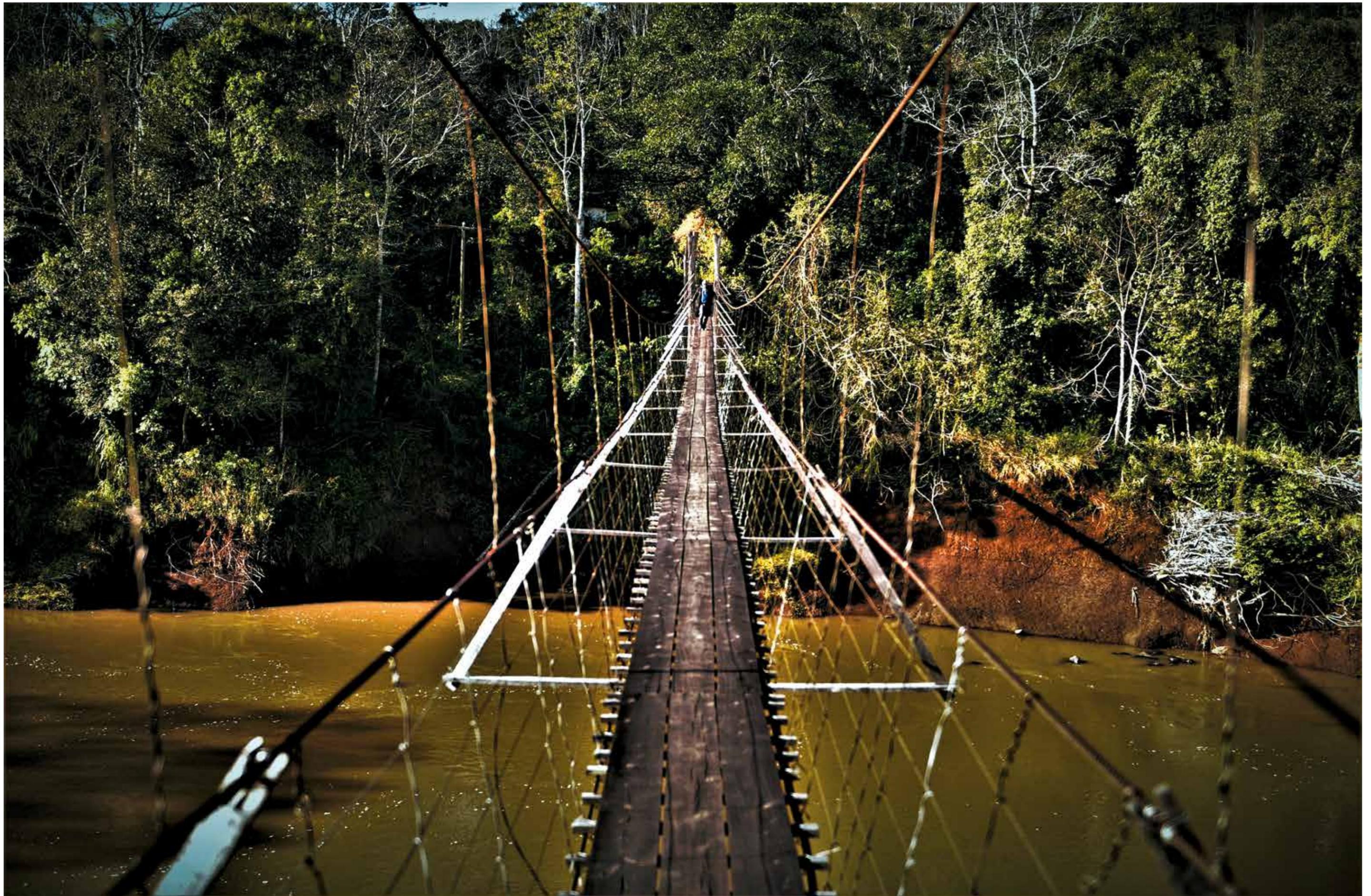


to a todos os que habitam o planeta Terra, e não pode ser reduzida a uma mercadoria privada. A água, como bem comum da humanidade, não cabe numa economia que desperdiça energia de fontes não renováveis, que destrói florestas, seca fontes, polui mares e aquíferos, aprofundando desigualdades e manipulando mercados que subvertem democracias. Assim, proteger a água é resgatar valores éticos e morais coerentes com o espírito humano.

A defesa da vida como responsabilidade de todos, o que exige a superação da mesquinhez interior, está presente em exortações do Papa Francisco, de Leonardo Boff e de tantos outros homens de mentalidade superior. A grande luta é contra estímulos que nos afastam de uma solidariedade que precisa ser estendida para atuar em uma humanidade consciente. Mas o que é isso? Nas palavras do Papa Francisco, “é pensar e agir em termos de comunidade, de prioridades da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra, a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destruidores do

império do dinheiro... A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isso que os movimentos populares fazem”. Mas é preciso ter consciência, pois: “Não se pode enfrentar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que só tranquilizam e transformam os pobres em seres domesticados e inofensivos. Como é triste ver que, por trás de presumíveis obras altruístas, o outro é reduzido à passividade, é negado ou, ainda pior, escondem-se negócios e ambições pessoais: Jesus defini-los-ia como hipócritas. Mas como é agradável quando se veem em movimento povos e, sobretudo, os seus membros mais pobres e jovens. Então, sim, sente-se o vento de promessa que reacende a esperança num mundo melhor. Que este vento se transforme em furacão de esperança. Eis o meu desejo” – afirmou o Papa Francisco (CNBB 2015, p.7).

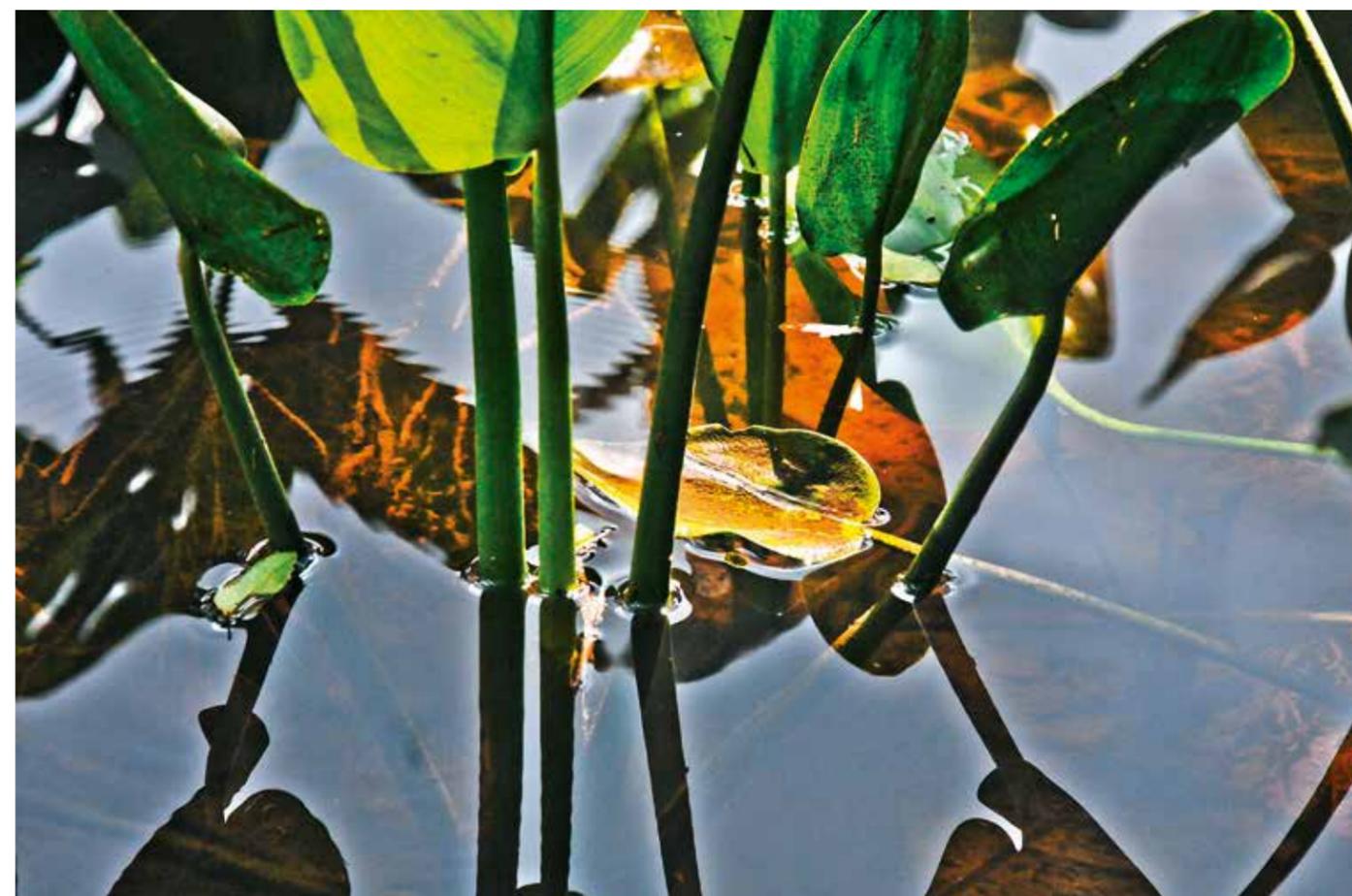
Esse pequeno texto do Papa dialoga tão bem com o espírito das fotos de Dulce que talvez fosse suficiente como apresentação do livro. Mas cabem aqui, ainda, algumas reflexões de Jean Dorst, em seu livro *Antes que a Natureza Morra*, acerca da estupidez da ideia de que “a natureza selvagem não serve para nada”. Tal noção seria comparável à afirmativa de que o Partenon também não serve para nada, assim como a praça onde está a Catedral de Notre Dame, em Paris. Ali poderiam ser construídos edifícios ou garagens funcionais para o fluxo de turistas, empresários, operários e seus carros. No entanto, isso é impensável. Por que, então, o Pampa e a Floresta Amazônica podem ser transformados em lavouras de soja e eucalipto transgênico? O que mantém aqueles monumentos em espaços tão disputados pela ganância, senão a consciência humana a respeito de sua beleza, da harmonia e



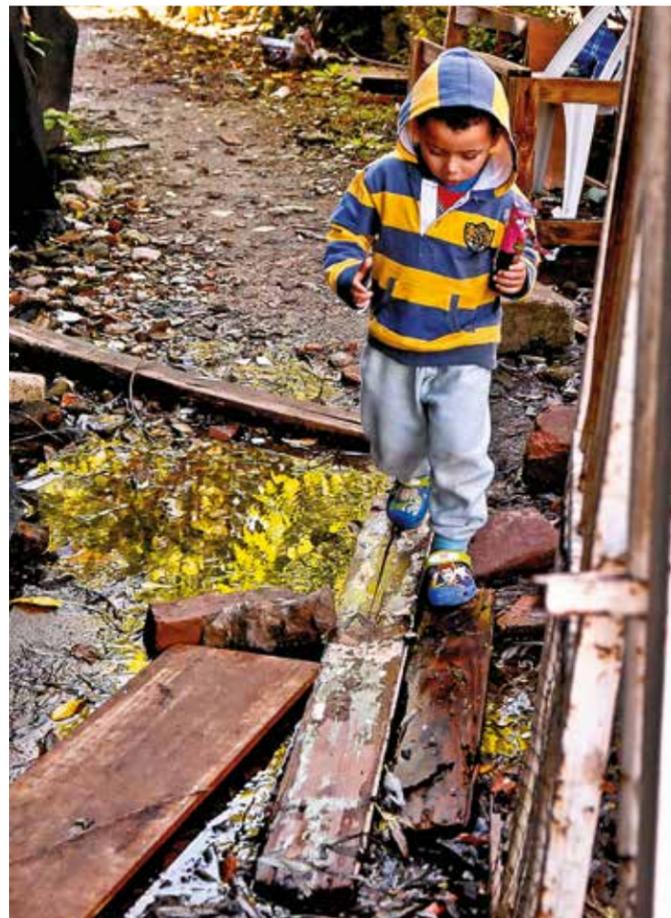


do poder de emulação que inspiram ao espírito humano? Na conclusão do livro, o autor afirma que seria possível reconstruir o Partenon dez vezes – o que resultaria simples, mas sem alma. “O homem tem razões objetivas suficientes para se dedicar à salvação do mundo selvagem. A natureza, porém, só poderá mesmo ser salva pelo nosso coração”. Assim, jamais conseguiremos recuperar espécies extintas e suas redes de relacionamento, ou reajustar o ciclo das águas e a ecologia planetária. Este é um trabalho do tempo e da vida, não do homem.

Reforçar as palavras de Dorst é o espírito das fotos de Dulce Helfer. Elas contribuem para salvar a natureza, animando forças a partir do coração. Essa capacidade de elevar o espírito nada tem de funcional e em nada supera as belezas naturais de nosso Rio Grande do Sul. Há algo de divino



que se percebe na aproximação integral com as forças da natureza e há algo de mágico na melodia da água em seu percurso no regato ou em sua suspensão na forma de neblina. Assim anotou o Padre Rambo (1906-1961) em seu diário, no dia 17 de fevereiro de 1948, enquanto caminhava entre florestas de araucárias que não existem mais, na região dos Aparados da Serra: “Nada dispõe mais para a reflexão do que estas caminhadas pela neblina.... fecham-se todas as portas e silenciosamente penetra-se, como que Tateando, em seu mundo mais íntimo, isto é, no reino do ser, envolvido no sonho de todas as coisas. (...) Alguém caminha pela névoa e pela noite. Seus passos são tão leves como o murmurar da neblina. E este alguém que é único chama meu nome nesta terra solitária”.











Duas crônicas escolhidas de  
**Tabajara Ruas**

## Águas da memória

Quando meu primo Isidoro se afogou, eu tinha sete anos de idade. A morte foi o primeiro espanto da infância; porém, que o rio fosse o assassino tornava o mistério da morte maior e ainda mais incompreensível.

Afinal, o rio Uruguai era nosso amigo... O rio Uruguai era o lugar aprazível das tardes de verão, o lugar mítico dos piqueniques de domingo e das pescarias de meu pai, que sempre retornava com enormes dourados e surubis.

Agora o rio levava meu primo de quatorze anos e se tornara, pelo menos naquela primavera, algo ameaçador e alheio.

O grande rio de águas barrentas ensinava, com suas terríveis temporadas de cheias, que as águas tranquilas do verão podem ser assustadoras e mortais no inverno, e que a suave correnteza das pescarias na primavera pode ser o susto brutal do outono.

Na distante cidade da fronteira, não havia nada melhor nem mais excitante do que ficar longas horas caminhando nas margens do rio, conhecendo seus segredos e seus taciturnos, enigmáticos habitantes.

Perto da primavera, antes das chuvas, as águas do rio Uruguai têm um momento de tal transparência que há um grande silêncio na mata ao redor.

Quando os charruas eram os senhores da região, aquele silêncio era ainda maior, tão profundo que o caçador, encostando o ouvido ao chão, podia ouvir os passos do jaguar pisando suavemente o chão de folhas.

(Entre as árvores trêmulas de vento do capão que margeia o rio, o grande felino desliza, astuto, sacudindo o rabo, cabeça baixa, brutal, solitário e alheio.)

Os charruas tentaram caçá-lo e fazer troféu de sua pele mosqueada, mas encontraram um inimigo preparado, que aceitou o combate. O jaguar era tão hábil em subitamente cair sobre a presa como em escapar ao cerco dos caçadores.

Caminhando nas margens do rio Uruguai, olhando o perfil de Uruguaiana refletido no rio, o adolescente é livre para pensar. Esse é um dos tesouros que o rio oferece.

O rio da adolescência é o mais belo de todos os rios. Ainda mais se é um rio que banha a cidade onde se vive, o que praticamente a torna uma dádiva do rio.

Nas longas tardes de setembro, o rapaz sentava na margem do rio e ficava olhando a outra margem...



## As cidades e as águas

Como tantas cidades no mundo, a cidade de Porto Alegre fora parida pelo rio.

Como um deus, o rio Guaíba fazia silenciosamente a História. Parecia que ele escolhia os locais, os moradores e a direção dos acontecimentos que se desenrolavam nas suas margens durante séculos.

Estar sentado naquela escadaria de pedra, olhando o movimento dos barcos e dos vendedores de frutas, também era parte da vontade do rio. E estar com um livro na mão – um livro cujo título fosse “*Vinte mil léguas submarinas*”, por exemplo, e o autor do livro, um certo senhor chamado Jules Verne – completava o milagre.

Não apenas olhava a água à minha frente, mas mergulhava nela, levado por aquelas páginas como pelas ondas de um mar invisível.

Os ruídos da cidade desapareciam. As buzinas dos carros, os apitos dos barcos, os gritos dos vendedores, os risos das comerciárias que também vinham aproveitar o sol do meio-dia eram sufocados, porque agora eu estava dentro do Náutilus e navegava, fascinado, nas águas inventadas pelo escritor francês.

Só o capitão Nemo conhecia o rumo daquela viagem, e, através dos grossos vidros das escotilhas, eu via os seres do mar: arraias gigantes, lulas, tubarões, cardumes de peixes luminosos, o grande polvo que enlaçou o submarino e lutou com ele um dia inteiro, as montanhas de coral, o trêmulo galeão naufragado, ancorado entre os corais, com as velas esfarrapadas agitadas na água sombria.

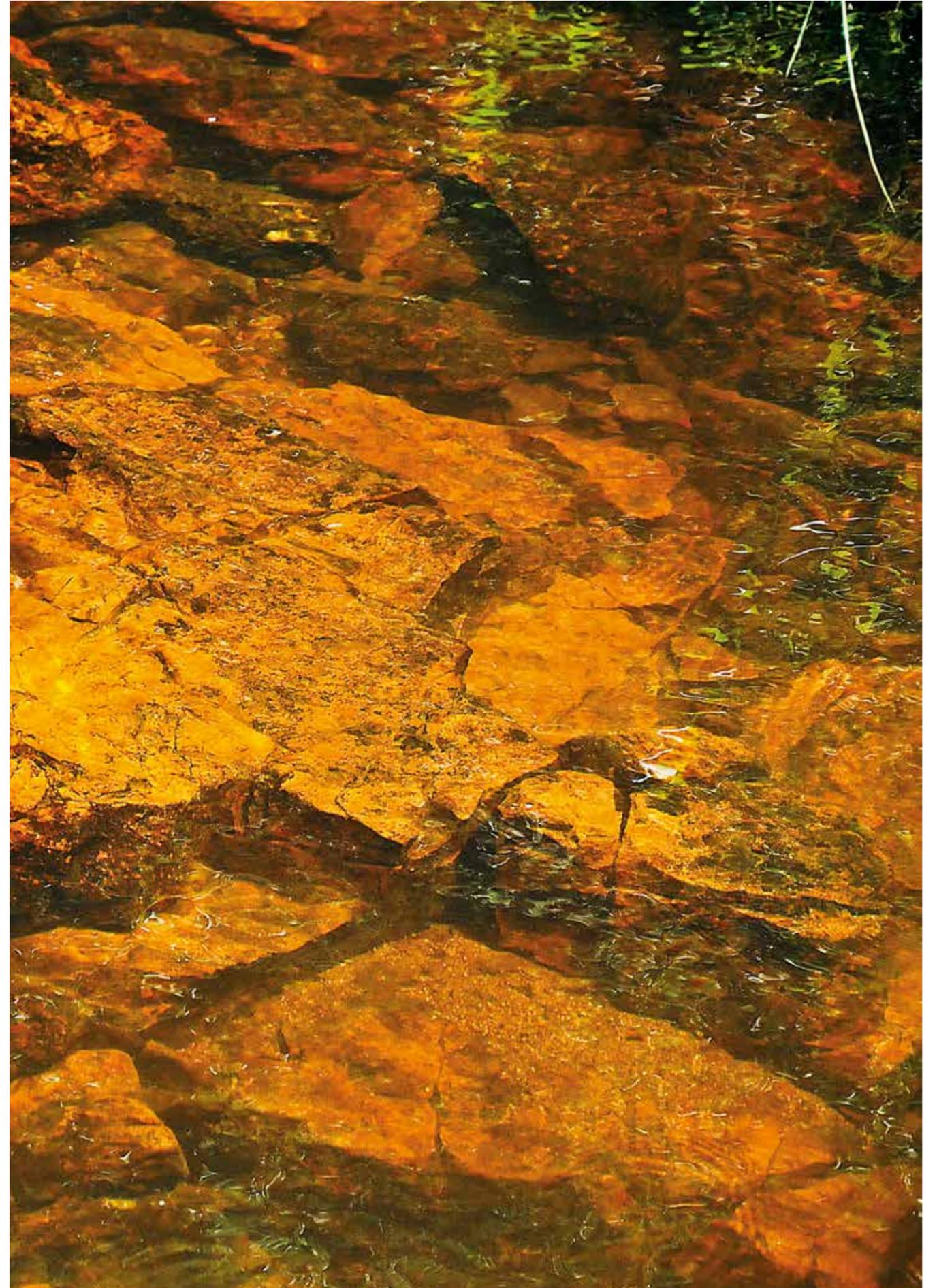
Vi as baleias, os cachalotes, os golfinhos. Via tudo em silêncio, porque eu era um passageiro clandestino e, apesar de conhecer os propósitos nobres da tripulação, intuía que aquela viagem era para ser fruída em silêncio e na solidão.

A viagem que estava sendo feita era um solene épico silencioso, um desbravamento do desconhecido. Em muitas cidades onde vivi, havia rios e seu âmbito de festa, trabalho e mistério. Nenhum rio, entretanto, se compara ao rio de nossa infância.

O meu rio das alucinações foi o rio Guaíba, mas o rio dos sonhos foi o Sena. A culpa é sempre do cinema, esse veículo que nos estimula a sonhar e que esconde sutis armadilhas atrás do seu fascínio.

Ultimamente, penso muito na minha cidade natal. Ela tem um rio. Quando meu primo Isidoro se afogou, eu tinha sete anos de idade.

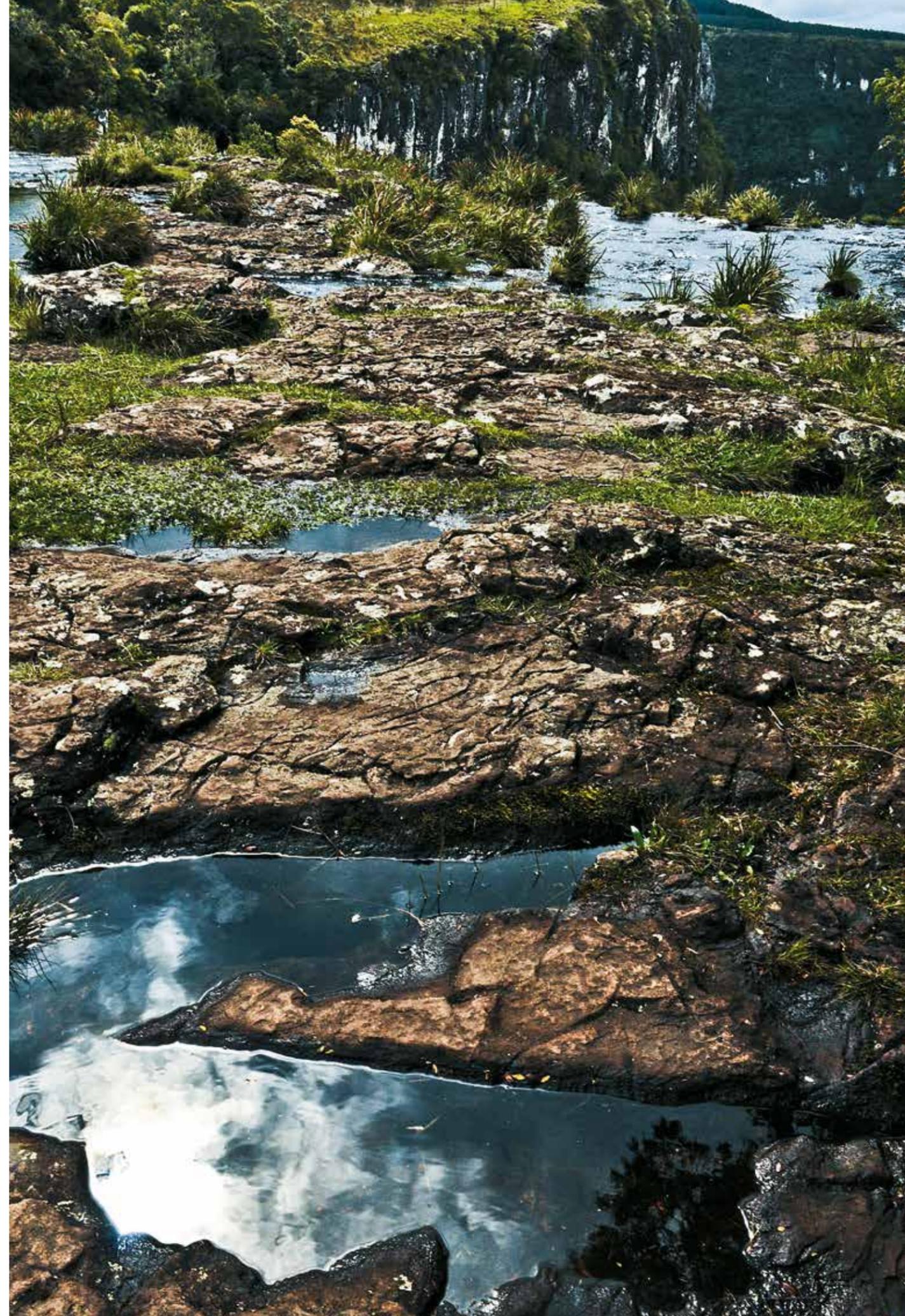












## Sobre a fotógrafa

**Dulce Helfer** trabalhou durante 27 anos no jornal Zero Hora, em Porto Alegre. Natural de Santa Cruz do Sul, também trabalhou na Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, onde, juntamente com os escritores Tabajara Ruas e Carlos Urbim, participou do jornal cultural *O Continente*. Fez dezenas de exposições individuais e coletivas, tendo recebido 24 prêmios, entre eles três internacionais – da Sociedad Interamericana de Prensa –, dois Prêmios Press – como melhor fotógrafa do RS –, Prêmio Nacional de Direitos Humanos, Prêmio de Fotografia do Banco Itaú e Prêmio de Cultura Joaquim Felizardo.

Fotografou com exclusividade inúmeros artistas, como The Cure, B. B. King, Roberto Carlos, Avril Lavigne e Zizi Possi, entre outros grandes nomes. Produziu imagens para capas de CDs, DVDs e para divulgação de músicos brasileiros: Belchior, Tangos e Tragédias, Macalé, além de dezenas de outros. Na área de cinema, trabalhou com David Lynch, em Porto Alegre, e fez *still e making of* para filmes de Tabajara Ruas, Beto Souza e Roberto Gervitz, trabalhando com os atores Mariana Ximenes, Tarcísio Meira Filho, Werner Schunemann e Murilo Rosa, entre outras centenas de nomes.

No Theatro São Pedro, realizou diversas exposições. Entre elas, *Paris... Paris... e Amazônia - tão perto tão longe*. Possui textos publicados no jornal Zero Hora, em livros sobre Mario Quintana e no livro Seminários Espectaculares, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, para a qual ministrou palestra, junto com Moacyr Scliar, na CCMQ. No Centro Cultural CEEEEV, realizou a mostra *Luis Fernando Muito Verdadeiro*, sobre a trajetória de Luis Fernando Veríssimo.

Participou de exposição do MACRS, na CCMQ. Publicou fotos no livro *Dicionário Luis Fernando Veríssimo*. Participou da mostra *Vinte ver Quintana*, e também de exposição sobre o escritor Caio Fernando Abreu, em Porto Alegre, São Paulo e Brasília. Em dois anos consecutivos, expôs em Paris, nas homenagens ao Estado do RS. Lançou o livro *O Melhor de Mario Quintana*, na Feira do Livro de Porto Alegre, com os escritores Armindo Trevisan e Tabajara Ruas. Participou do livro *Iberê Camargo-Século XXI*, e da coletiva *20x20 e outros Formatos*, na Bolsa de Arte. Foi Curadora artística do 1º Encontro França/Brasil em Porto Alegre. Recebeu o Prêmio Especial da AGES, pelo livro *O Melhor de Mario Quintana*. Foi palestrante da Feira Internacional do Livro, em Foz do Iguaçu.

Em 2018, foi mediadora do 1º Festival de Cinema de Santa Cruz do Sul, além de integrar o livro sobre a atriz Fernanda Montenegro.

Contato: [dhelfer@uol.com.br](mailto:dhelfer@uol.com.br)



## Sobre a curadora

**Zoravia Bettiol**, gravadora, pintora, artista têxtil, designer e arte-educadora, nasceu em Porto Alegre em 1935. Formou-se em 1955, no Instituto de Belas Artes, habilitação em pintura, Porto Alegre. De 1955 a 1957 estudou desenho e xilogravura no Atelier Vasco Prado, em 1968 estudou arte têxtil na Polônia no Atelier Maria Laskiewicz, em 1969 na Oficina-Escola de Joalheria, em São Paulo, fez o curso de Design de Joias e, em 1996 estudou design de superfície na Image West Design School, São Francisco/ Estados Unidos.

Participou de 140 exposições individuais entre 1959 e 2018 na América do Sul, Estados Unidos, Europa e Japão. Entre elas podemos destacar: O Universo Fantástico de Alice. Galeria Zoravia Bettiol, Porto Alegre, RS, em 2018, Caminhos. Galeria Zoravia Bettiol, Porto Alegre, RS, em 2017, Zoravia Bettiol – O Lírico e o Onírico. Mostra retrospectiva. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS). Porto Alegre, RS, em 2016, Arte Têxtil – Um Percurso da Bi a Tridimensionalidade. Galeria Espaço Cultural Duque. Porto Alegre, RS, em 2014 e Aos Grandes Mestres – Zoravia Bettiol. Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo. Porto Alegre, RS, em 2011.

Dentre as exposições coletivas mais importantes destacamos: Salon International D' Art Contemporain – Artista homenageada. Le Carrousel du Louvre, Paris. França e International Contemporary Art Salon – artista homenageada. Art&Design Gallery, Miami, EUA, em 2018. Neste mesmo ano *Água – Essência da Vida. Artista convidada. Palácio do Ministério Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS*. Em 2016 destacamos três exposições, sendo elas, *Um olhar de Berlim sobre a arte impressa* em Porto Alegre (1960 a 2015). Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS). Porto Alegre – RS, *El Color de Los Sonidos*. Centro Cultural Casona Nemesio Antúnez. Chile e *É Vida! Mostra comemorativa aos 45 anos da AGAPAN. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre – RS*. Em 2015 a Exposição França-Brasil – Casa de Cultura Mario Quintana. Porto Alegre – RS, em 2014 Resistir é Preciso. Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro - RJ, São Paulo - SP e Belo Horizonte, MG e por fim, em 2011 a mostra Aire- 6<sup>th</sup> World Textil Art Biennial – Artistas convidados – Jardins da USBI, Xalapa, México.

A artista já ganhou mais de 30 prêmios, dos quais destacamos os seguintes: Prêmio ABCA – Homenagem pelo conjunto da obra. SESC Vila Mariana, São Paulo. Em 2013, Melhor cenografia. 2º Festkaos, *Sobre Anjos e Grilos*, Cubatão, SP. O Prêmio Líderes e Vencedores 2012, Categoria Expressão Cultural, Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Federasul, Porto Alegre, RS.

Suas obras estão em acervos e instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ / Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre, RS / Museu de Arte Moderna, São Paulo, SP / Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ / Bibliotheque National, Paris. / The Metropolitan Museum, Nova Iorque / The Brooklyn Museum, Nova Iorque / The Library of Congress, Washington, D.C. / The New York Public Library. Nova Iorque. / The National Museum, Varsóvia / Prague National Gallery, Praga / Albertina Museum, Viena / Textil Museum Max Berk, Heidelberg / Kunstindustriemuseet, Oslo / The Museum of Modern Art, Kyoto.

**Perfil no Facebook:** Zoravia Bettiol **Site:** [www.zoraviabettiol.com.br](http://www.zoraviabettiol.com.br)

**Instituto Zoravia Bettiol:** <https://www.facebook.com/Instituto-Zoravia-Bettiol-1571147636481613/>

## Colaboradores

**Eduardo Cardoso** é coordenador do Grupo COM Acesso - Comunicação Acessível UFRGS. Arquiteto e Urbanista, é especialista em Tecnologia Computacional Aplicada ao Projeto e mestre e doutor em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design - PgDesign - UFRGS. Atua como professor colaborador do PgDesign e professor adjunto do Departamento de Design e Expressão Gráfica da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

**Leonardo Melgarejo** é engenheiro agrônomo com mestrado em Economia Rural (Ufrgs) e doutorado em Engenharia de Produção (UFSC). Entrou na Emater 1982 e trabalhou como especialista de campo, supervisor de planejamento, gerente de planejamento e técnico - até se aposentar. Atualmente, ocupa posição de vice-presidente da Associação Brasileira de Agroecologia para a Região Sul do Brasil. Contato: melgarejo.leonardo@gmail.com

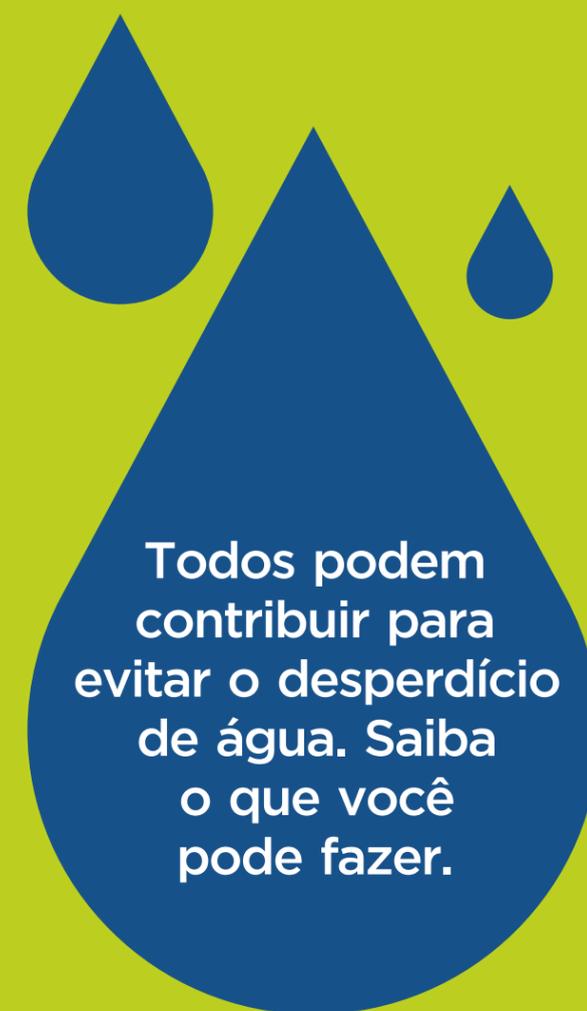
**Tabajara Ruas** é escritor e cineasta. Autor multipremiado, tem contos, ensaios, traduções, crônicas e 10 romances publicados no Brasil e traduzidos em 11 países. Quatro são romances históricos: OS VARÕES ASINALADOS, sobre a Guerra dos Farrapos no RS; O AMOR DE PEDRO POR JOÃO, sobre os anos da ditadura; GUMERCINDO, sobre a lenda do caudilho Gumercindo Saraiva; NETTO PERDE SUA ALMA, sobre o general farroupilha Antônio de Souza Netto, transformado em filme pelo autor, o mais premiado filme gaúcho.

**Cristiane Löff** é designer, artista visual e gestora. Formada na UFRGS, estudou na Faculdade de Arte San Fernando, Madrid. Fez pós em Design PUC-RS. Foi superintendente da FVCB, Assessora do Ministro da Cultura, Gestora da Unidade Cultural do Instituto Moreira Salles de Porto Alegre de 2005 a 2009. Foi Coordenadora de Artes Visuais da Prefeitura de Porto Alegre. Produtora e Editora de Arte realizou trabalhos como livros, jornais, webdesign e comunicação visual. Participou de exposições no Brasil e exterior tendo suas obras em acervos públicos e particulares e vários prêmios de design.

**Francisco Milanez**

# A ÁGUA É DE TODOS.

CUIDAR DELA TAMBÉM É SUA RESPONSABILIDADE.



Não deixe a torneira pingando.



Economia de até **46 litros** por dia.

Evite lavar o carro com a mangueira.



Economia de até **560 litros** a cada meia hora.

Evite deixar a torneira aberta enquanto escova os dentes ou faz a barba.



Economia de até **25 litros** por dia.

Não deixe a torneira aberta enquanto lava a louça ou a roupa.



Economia de até **100 litros** por lavagem.

Evite demorar no banho.



Economia de **95 a 180 litros** por dia.

Evite usar mangueira para limpar a calçada: prefira vassoura e balde.



Economia de até **250 litros** por lavagem.

MODERNIZAR O ESTADO

PROMOVER O CRESCIMENTO

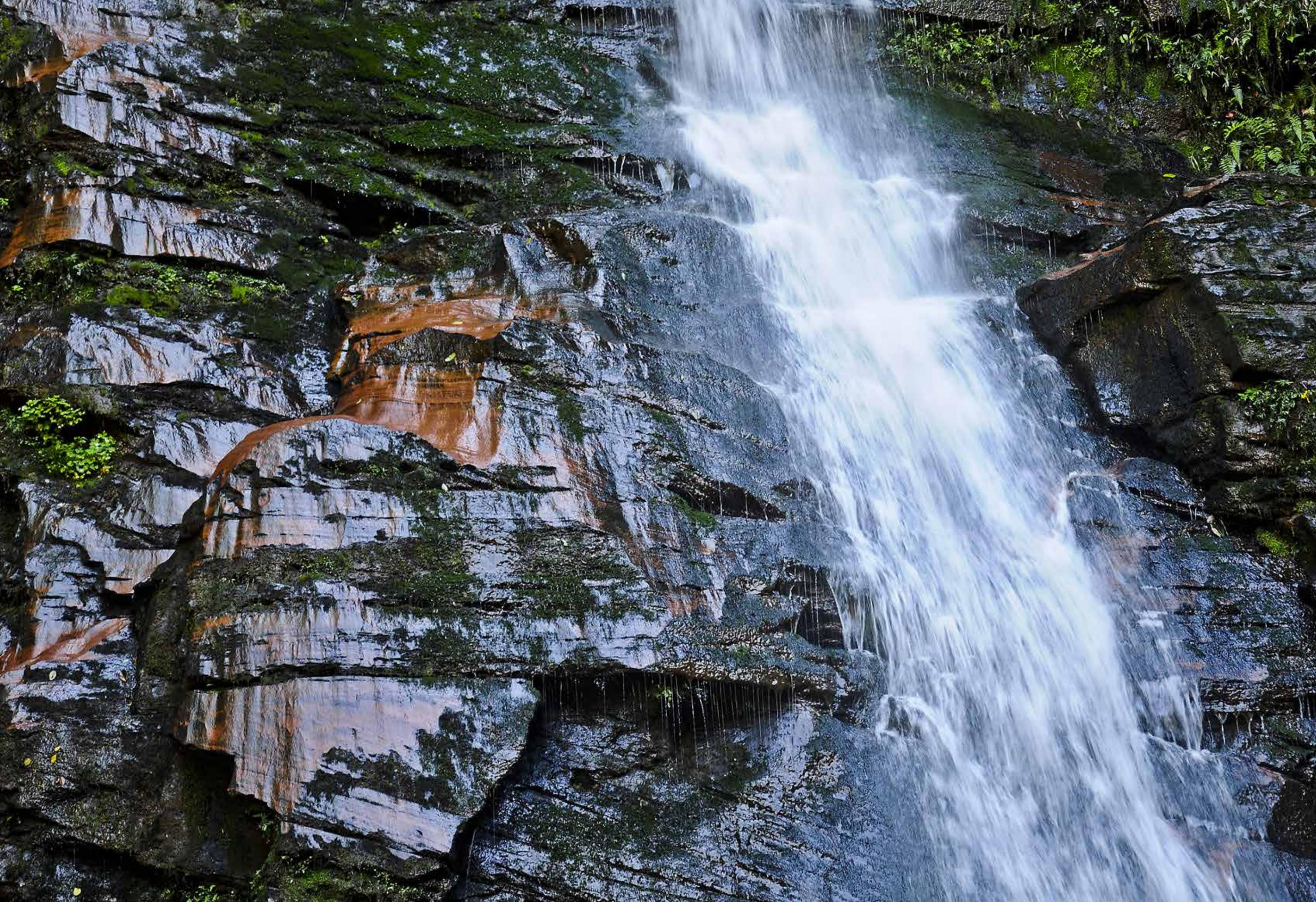
SERVIR AS PESSOAS

Para obter mais informações ou esclarecer dúvidas, compareça à unidade local da Corsan ou ligue para o Corsan 24 horas **0800 646 6444**

[www.corsan.com.br](http://www.corsan.com.br)  
Baixe o app Corsan, disponível para sistemas Android e IOS.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL







PRODUÇÃO

APOIO

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO:

